

Crescimento em agosto não muda tendência de desaceleração indústria, dizem especialistas

Segundo o IBGE, a produção industrial brasileira cresceu 0,8% em agosto, e em julho, registrou queda de 0,1%

Por **Alex Jorge Braga**, Valor — São Paulo

03/10/2025 14h57 · Atualizado agora

A **produção da indústria brasileira cresceu 0,8% em agosto**, ante julho, segundo a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), divulgada nesta sexta-feira (3), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em julho, o indicador teve queda de 0,1% (dado revisado de recuo de 0,2%).

O desempenho de agosto ficou acima da mediana das estimativas de 23 instituições financeiras e consultorias ouvidas pelo **VALOR DATA**, de alta de 0,5%. As projeções iam de recuo de 0,3% a alta de 1,2%.

Com a alta de 0,8% em agosto, a indústria interrompeu uma sequência de quatro meses sem crescimento, período no qual acumulou perda de 1,2% — em junho houve variação de 0,1%, perto da estabilidade.

O **desempenho foi uma “surpresa positiva”**, de acordo com Mário Sérgio Telles, diretor de Economia da Confederação Nacional da Indústria (CNI), uma vez que a instituição esperava “metade desse aumento”. Contudo, segundo ele, a trajetória de desaceleração de 2025 não foi alterada.

“Ainda não podemos indicar que há em curso uma mudança de rota para o crescimento, porque os fatores que causaram a desaceleração ainda estão presentes, como a taxa juros em 15%”, explica. “Além disso, tem o tarifaço que está em vigor desde o mês passado.”

Na mesma linha, Camila Saito, pesquisadora da **Tendências** Consultoria, afirma que “há sinais de desaceleração em setores-chave, o que deve se intensificar ao longo do 2025”, diz.

“O mercado de trabalho dinâmico, a menor pressão cambial, a retomada da atividade extrativa, e a liberação de precatórios ainda dão algum suporte à demanda — especialmente nos segmentos de automóveis leves, eletrodomésticos de linha branca e materiais para construção ligados ao segmento de moradias populares”, explica.

Frente a agosto de 2024, a produção industrial caiu 0,7%. Por essa base de comparação, a expectativa mediana do mercado era de recuo de 0,8% do indicador, conforme levantamento do **VALOR DATA**. As projeções variavam entre queda de 2,7% e estabilidade.

A indústria acumula expansão de 1,6% nos 12 meses até agosto. Com o resultado do mês, o setor industrial está 14,4% abaixo do nível recorde.

Saito, da **Tendências**, projeta alta de 1,0% na produção industrial para esse ano. No entanto, “as incertezas domésticas e externas, as sobretaxas dos Estados Unidos sobre produtos brasileiros e os juros elevados devem limitar maiores avanços da produção”, diz.

Setores

Entre os setores, o destaque positivo ficou com farmoquímicos e farmacêuticos (13,4%), “que já acumulam 28,6% em quatro meses seguidos de expansão”, lembra Telles, da CNI.

Também puxaram o índice em agosto os setores de derivados de petróleo e biocombustíveis (1,8%), produtos alimentícios (1,3%) e veículos automotores (1,8%), além de saltos pontuais como em impressão e gravações (26,8%).

“São setores muito pesados e nos quais não se tem muita exportação para os Estados Unidos. Com isso, podemos dizer que o crescimento desse mês foi setorial e não amplo. O que nos faz acreditar que não muda a trajetória de desaceleração e queda que estávamos tendo ao longo desse ano”, explica.

Já Stéfano Pacini, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), frisa que o resultado foi positivo em 16 segmentos pesquisados. “Isso contribui para que a variação seja mais robusta e acima do que o mercado estava esperando”, analisa.

Para Pacini, **o tarifaço do Trump mostra seus efeitos**, ainda modestos em alguns segmentos, como máquinas e equipamentos (-2,2%), e produtos químicos (-1,6%), madeira (-8,6%) e calçados (-3,6%), que “caíram [em produção] porque não entraram na lista de exceções do tarifaço.”

Para este ano, o economista projeta uma desaceleração da produção industrial, mas não descarta queda. “Não quer dizer que vamos chegar no final do ano em retração ou taxa negativa.”